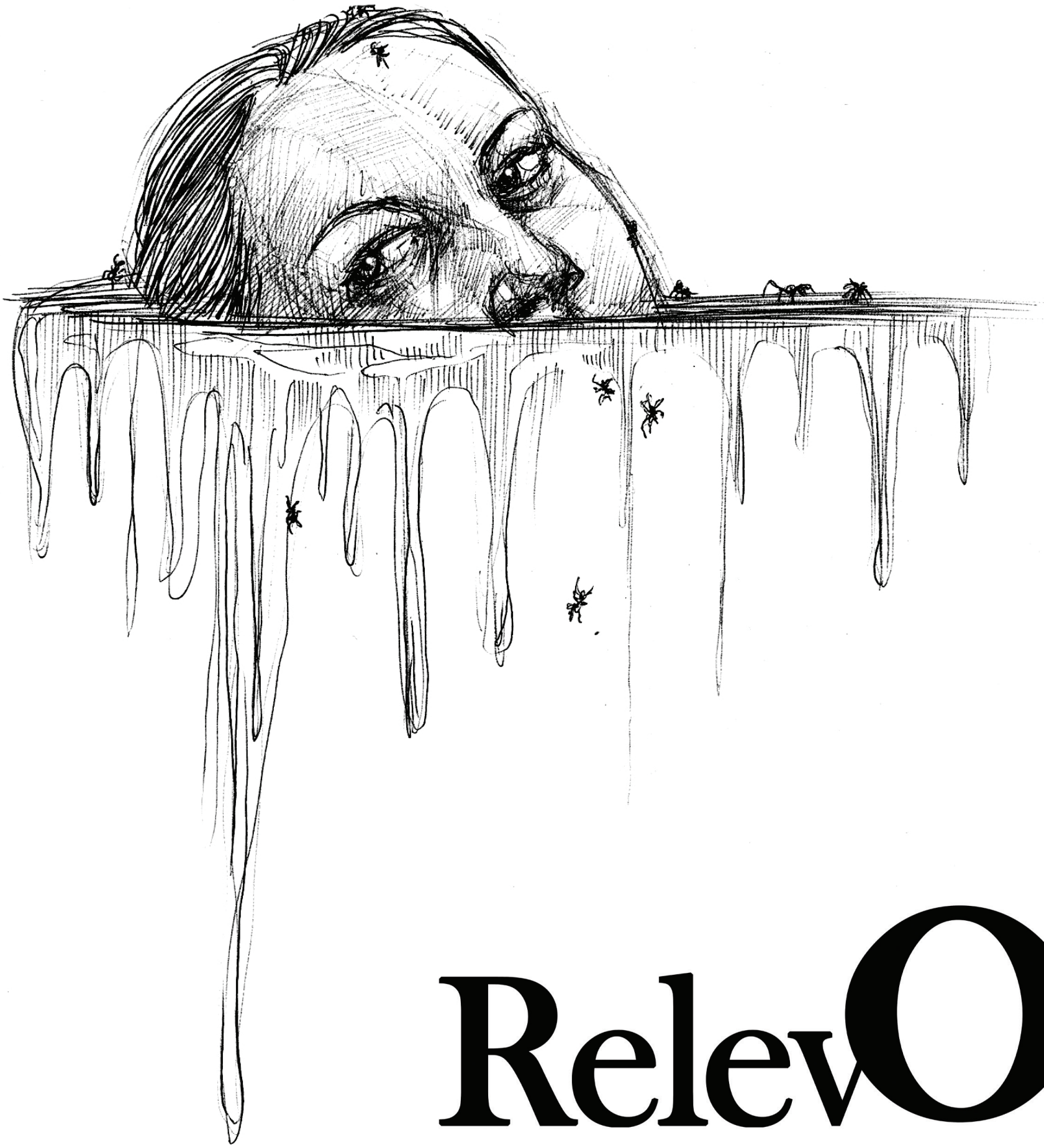
Robson Vilalba



RelevO

PARANÁ – OUTUBRO DE 2014 – EDIÇÃO II – ANO V

Jornal RelevO

outubro/2014

07 Epitáfio lírico/Frenética CWB *Gisele Borges*

09 Dobre Fúnebre/Fragmento da Teogonia *Maria Cecília Coutinho*

13 Morada do espírito *Virgínia Kleemann*

15 Impressões de uma leitora de primeira viagem sobre o *Ulysses* *Priscila Lira*

18 Blues/Beat *Otto Winck*

20 Mariazinha e o Rio *Robson Vilalba*

22 Em um mapa sem cachorros *Julio Urrutiaga Almada*

24 Troca *Marlon O.*

26 Regata/O passeio ficaria aqui *Stefano Calgaro*

29 Cenas Urbanas *Daniel Zanella*

31 Terra Incógnita *Daniel Osiecki*

Giovanna Lima Instruções para esquecer um grande amor **06**

Miriam Adelman It takes two to Tango **08**

Cilene Tanaka Lápides e Túmulos (pt II) **10**

Larissa Luz Hipermnésia **14**

Jogo da Vida do **RelevO**! **16**

Leopoldo Comitti Por mares navegados/Cenário **19**

Souzalopes Fragmentos de *Todo Fogo* (1983) **21**

Flora Rocha **23**

Julia Nascimento **25**

Ronaldo Werneck Prosa-elegia pro Chico Cabral **27**

Ademir Demarchi Cinerário **30**

Bárbara Lia Da série 'O céu dos poetas' **32**

Expediente

Fundado em setembro de 2010.
Editor Daniel Zanella **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo
Revisão Mateus Ribeirete **Ombudsman** Whisner Fraga
Projeto gráfico Marceli Mengarda. **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.
Edição finalizada em 4 de outubro de 2014.

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE SETEMBRO DE 2014

Anunciantes
R$ 30 – Nova Mania (total R$30).
R$ 50 – Joaquim; Avon; Fisk; Pino; Calceaki; Pão & Vinho; Água na Boca; Sociedade Secreta os Tulipas Negras; Distribuidora Acquamille (total R$ 450).
R$ 100 – Allejo; Editora Inverso, Defenestrando (total R$ 300).

Assinantes
R$ 100 – Wilson Nogueira, Daniel Martini. **R$ 50** – Jandira Zanchi, Paulo A. Marques, Taina Lange, Monique Portela, Josette Garcia, Marco A. de Souza, Carolina Cotrim, Fernando Koproski (total R$600).

Despesas
Correios **R$ 240** / Distribuição **R$ 80** / Papelaria **R$ 40** / Impressão **R$ 1.090**

Receita **R$1.380**
Custo total **R$1.450**

Balanço **R$ -70**

Capa ilustração (caneta s/ papel) de Robson Vilalba.

Contato jornalrelevo@gmail.com /jornalrelevo /jornal.relevo

Editorial

Em *Ombudsman – O Relógio de Pascal*, Caio Túlio Costa, o primeiro ombudsman da imprensa brasileira, classifica o detentor do cargo como garimpeiro de equívocos. "Evidentemente, qualquer jornal precisa de muita coragem e segurança em relação ao seu produto final para adotar, com seriedade, o defensor dos leitores. É mais fácil (e confortável) escamotear erros em vez de revelá-los."

De fato, desde que estabelecemos a função no **RelevO**, em janeiro deste ano – na *Folha de S. Paulo* o cargo está a completar 25 anos de existência – o desconforto interno da redação é notório. Em alguns casos, há discussões bem intensas sobre os apontamentos do ouvidor-geral. Dissidências várias. Mas de uma coisa estamos certos: o "Querido Onipotente", forma *carinhosa* como o representante dos leitores é chamado nos EUA, tem sido importante ferramenta para abrir nossos olhos para coisas óbvias, como a questão dos anúncios apontada nesta edição.

Reconhecer nossos deslizes e limites não é tarefa tranquila e serena. [Um ombudsman não nasce para ser leal ao jornal. Muito ao contrário, ele é o amante ingrato.] Apesar das dores existenciais, é preciso realizar este trabalho constante de autocrítica: somos um impresso e precisamos discutir todo mês nosso formato, conteúdo e a importância de ser papel – embora acreditemos, mesmo, na durabilidade da plataforma, pois é sabido que nenhum instrumento tecnológico que almeja substituir o papel resiste a mais de seis anos de uso, pensando, sem ir muito longe, em computadores e celulares. (A última grande revolução editorial foi a disseminação do livro de bolso, há mais de 150 anos. E, se você for à British Library, pode ver o exemplar de *O Evangelho de São João*, escrito em 698.)

Por outro lado, consideremos: nada é tão impermanente quanto a matéria. Enfim, somos um impresso e você tem em mãos mais uma edição palpável do catálogo afetivo de nossos acertos e erros.

Uma boa leitura a todos.

Erratas

Na página 32 da edição de agosto, o poema de Larissa Luz saiu sem o título adequado: **Suicídio-precaução**.

Ombudsman
Whisner Fraga

*Independência **versus** receita*

O leitor que comparar um número do **RelevO** do início do ano com o de setembro vai pensar se tratar de outro jornal. Houve avanços consideráveis. A capa de Mariana Benevides foi um marco para a história do periódico. As fotos de Isabella Lanave, independentes do texto e até da diagramação, atestam que há espaço para outras artes. Neste sentido, este ombudsman não pode deixar de registrar todos os elogios aos editores, que tiveram coragem de mudar tão radicalmente.

Dos leitores, uma reclamação justa: o padrão dos anúncios. Além de não haver parâmetros claros para a publicação das propagandas, quero acrescentar que elas estão atrapalhando o texto, poluindo as páginas. Claro que a publicidade é fundamental para a existência do jornal, mas a forma com que ela é apresentada precisa ser repensada. Vamos aos exemplos: o centro de ensino de idiomas Fisk pagou os mesmos cinquenta reais que a panificadora e confeitaria Água na Boca pelo espaço e, ainda assim, um anúncio não tem o destaque do outro, nem o tamanho nem outras características.

Há que se inspirar nos grandes jornais, que sabem fazer com que propaganda e matéria convivam em harmonia. A publicidade deve ser também, na medida do possível, arte. Ora, o objetivo do jornal não é divulgar o belo, o estético? De maneira que, como exemplo, basta o leitor abrir a edição de setembro na página 4 para perceber que as imagens não estão nítidas,

que os reclames não estão chamativos e que atrapalham a harmonia da página.

Não sei se deixar uma página exclusiva para os anúncios seria uma boa solução, isto terá de ser discutido pela equipe, mas é uma alternativa que não pode ser descartada. Também é preciso considerar se é possível que os diagramadores do jornal deem uma mãozinha na confecção dos anúncios, inclusive convidando outros colaboradores (artistas) para ajudarem na empreitada. Evidente que o valor cobrado para a publicação dos comerciais teria de ser mais alto.

Houve também um leitor que questionou a falta de transparência na escolha do editor. Acredito que o jornal deva ter independência para a seleção e acho também que não há necessidade de se tornarem públicos os critérios de definição. Mas vou aproveitar o registro para cobrar novamente que o **RelevO** deve constituir urgentemente um conselho editorial. A julgar pelo expediente, o grupo ainda não existe. A multiplicidade de pontos de vista só trará benefícios ao periódico.

Por fim, gostaria de assinalar que estou muito satisfeito por estar contribuindo para o crescimento deste jornal. Sempre acreditei nas publicações alternativas e penso que elas têm muito mais a contribuir com a cultura do que os grandes periódicos, sempre dependentes de arranjos para sobreviverem. É fundamental que o **RelevO** continue com sua autonomia e, ao mesmo tempo, avance em suas receitas. •

Nota do editor: *Estamos buscando, a partir desta edição, uma maior padronização dos anúncios. Como tivemos mudança de planejamento gráfico no mês anterior, algumas questões de distribuição ficaram prejudicadas. Esperamos ter avançado um pouco em relação a isso. Sobre a formação de um conselho editorial, não há falta de interesse do núcleo mais regular do periódico, apenas nunca conseguimos montar uma equipe que se comprometesse mensalmente a avaliar os critérios. Contudo, a ideia será retomada com mais afinco a partir de novembro.*

CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES
Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro - Araucária. Fone: (41)3642-1622

Panificadora e Confeitaria
Pão e Vinho
Trabalhamos com livros sob encomenda
(41)3642-3552
Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

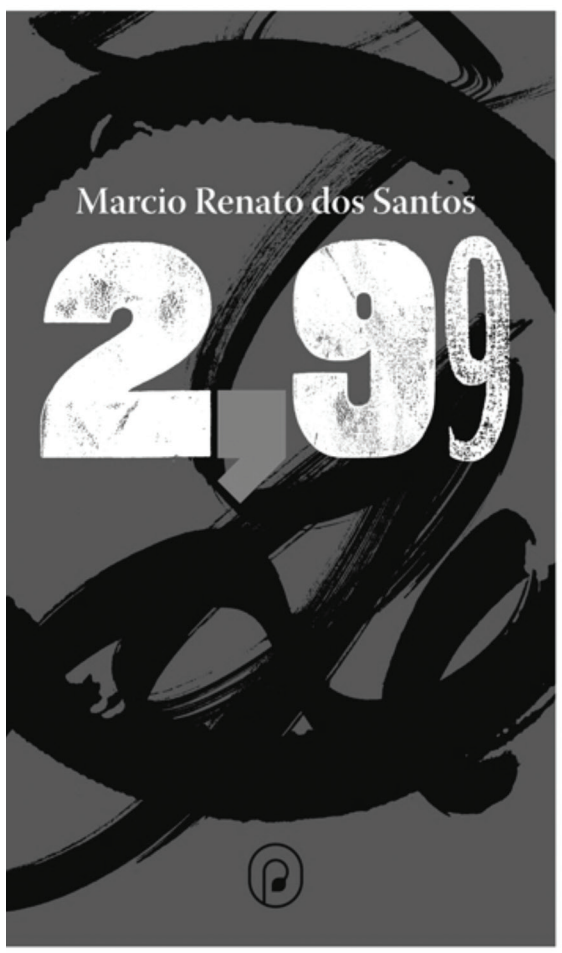
LER LITERATURA BRASILEIRA É IMPORTANTE

Você já leu 2,99?

Saiba o que alguns leitores dizem sobre o mais recente livro de contos do **Marcio Renato dos Santos**.

"Sei como é difícil escrever conto. Cada um tem de ser redondo, sem brechas, e isso você faz com toda segurança, como quem não faz esforço, mas eu conheço bem esse disfarce de fazer a coisa fluir para o leitor como se a gente não tivesse desprendido muito esforço, mas tudo é fruto de muito trabalho, de muito artesanato. Mas se não for assim, adeus literatura."

Antonio Carlos Viana, escritor, autor de *Cine Privê*.



"Há em 2,99 uma voz autoral que se afirma como alternativa frutífera à mesmice dos modismos literários atuais."

João Claudio Arendt, professor da Universidade de Caxias do Sul.

"O melhor que um sujeito pode fazer é ler 2,99 e parar de procurar algo novo."

Aguinaldo Medici Severino, autor do blog Livros que eu li: guinamedici.blogspot.com.br

Lançamento da Tulipas Negras Editora, 2,99 custa R$ 30 e está à venda na Livrarias Curitiba, na Arte & Letra e na Poetria Livros.

www.facebook.com/TulipasNegrasEditora
tulipasnegraseditora.blogspot.com

6

Instruções para esquecer um grande amor

Giovanna Lima

O primeiro passo para esquecer um grande amor é dizer não ao álcool. A bebida desliza na garganta com mais facilidade em momentos de desilusão. A embriaguez chega rápido, acompanhando o peito vazio. Lágrimas escorrem. A vontade de voltar transforma-se no único sentido da sua vida. Há riscos de telefonemas. Abstinência alcoólica é essencial para esquecer um grande amor.

Para esquecer um grande amor é preciso não escutar músicas. Músicas são feitas para causar empatia. Músicas são feitas para quem está sofrendo de amor. Músicas só falam de amor. Utilize protetores de ouvidos durante as 24 horas do dia.

O mesmo serve para literatura e para o cinema. Sua mente vai grifar frases. Seu cérebro ruminará cenas. Use máscaras de dormir em tempo integral para não levar rasteiras da visão.

O olfato também pode ser um inimigo para quem quer esquecer um grande amor. Pessoas com perfume da pessoa amada inevitavelmente irão cruzar seu caminho. A memória olfativa vai instigar lembranças perigosas. Adquira um protetor de nariz. Eles são encontrados em lojas de artigos para natação. Utilize o protetor também em período integral.

Abstenha-se de dormir. Os sonhos vão reavivar o passado. Tudo que é reprimido virá à tona. Uma angústia generalizada se instalará. Os sonhos te puxam pela perna de volta pro poço do amor. Pílulas de cafeína podem ser adquiridas em farmácias. Comece com a dose máxima recomendada na embalagem. Se seus olhos começarem a fechar, engula o dobro da dose. Importante: caso você esteja tomando todas as pílulas de um frasco e tenha recaídas de sono, consulte um traficante imediatamente.

Instrução integrante de *Instruções à Cortázar: Homenagem de Cronópios, Famas e Esperanças* (Juruá Editora, 2014)

Epitáfio Lírico

Natimorto surgiu
Ele, poeta
Ela, se fez
depois que o viu

Tanto quiseram,
depois que estiveram
a profecia cumpriu

A vida enviesada,
Eu lírico
num sopro sumiu

Ela, teimosa
à caneta insistiu

A paixão se foi
mas, a palavra
que a ambos uniu
num choque anafilático
e contundente
A pariu

E ela se diz poeta
falando de um fervor
que sempre
a consumiu

Frenética CWB

Babilônicos sedentos,
comedida alforria
terapias diversas,
impostora alegria

Vidas cinzentas
empoladas magentas;
Vísceras devoradas
esquecidas na alvorada

Frenesi e morte
edificam a epopeia;
a noite é o Habeas Corpus
da medusa europeia.

Gisele Borges

It takes two to Tango

Miriam Adelman

Avenida 18 de julio
y suave la entrada delinvierno
en Montevideo

assumimos a noite
você com os cigarros um atrás do outro
infiltrando o ar noturno e fresco,
eu, desabotoando meu casaco de lã cinza
no calor inesperado da estação
e, ao redor de nós, a praça, os casais

se deslizando tão suavemente
aos acordes largos, doces
uma perfeita sincronia
carregada no ritmo tenro da noite
enquanto a dança durar

Teimosa garota, menino maluco.
Pode ser que cada um encontre seu ritmo
ou seu tempo – samba ou salsa,
valsa ou rock n' roll.
Creio que eu se pudesse dominar os movimentos
escolheria forró – que, assim como
o tango, precisa dançar-se em duplas
porém, é mais rápido e te faz dar risada
na hora que perder o passo ou quando o baile
terminar

mas esta noite em Montevideo
a música que flutua ao redor de nós
tem um gosto de tragédia
e nos dizem, esta é uma cidade
de velhos, e um avô
puxa sua pequena neta pela mão
muito suavemente
e ela (como eu) não consegue
dominar o ritmo, os passos
enquanto o tempo se derrama sobre nós
como se a fórmula fosse essa – a vida
se desdobrando sempre em pares, uma
linguagem de cumplicidade
ou duplicidade
na qual eu sou apenas
falsamente
fluente
o que te pega mais?
o trágico ou o cômico,
juntos ou separados?
aqui a dança termina cedo
mas tem ainda a Malena, cantando
enquanto a noite adentrar nesta
cidade dos velhos.

Escolha minha talvez fossem
as pampas,
cavaleira solitária sob a cúpula da lua
ou em movimento com as multidões
ou apenas uma a mais
na manada galopante
onde se perder o ritmo
ou a sincronia, ou simplesmente
não entregar a mercadoria
ninguém vai perceber:
nenhum duelo cruel,
nenhum lado da cama
ou do guarda-roupa vazio
e podemos apenas continuar
nossas vidas, sob as estrelas
deste planeta de bilhões.

Alan Amorim
(grafite s/ papel)

dobre fúnebre

os deuses se despem de seus dons e caminham entre as criaturas.

enquanto a luz solar sibila entre fendas e vitrais pode-se vê-los caminhar nas ruas claras onde mulheres alcoviteiras tecem e homens comerciantes “politicam”.

quando a lua surge no alto os deuses se tra-vestem de bufões e fanfarrões, acompanhados por ninfas e faunos bebem o vinho até o último cálice, sem reservas para o caos, deleitam-se na saliva das musas.

ao retornarem para os céus longínquos carregam consigo a angústia de estar humano: angústia de contemplar o abismo e desejar entregar-se a ele.

Maria Cecília Coutinho

fragmento da teogonia

como voyeur da vida, Hécate observa, da janela, vê o tempo passar e as vidas esvaírem. na encruzilhada das avenidas, paira em austeridade. passa incólume pela Teogonia, sem possuir terra, nem céu e nem os mares.

longe do alcance das mãos, parece que o céu caiu. há um tapete de estrelas, milhares de pontos incandescentes, laranja, amarelo, branco, azul e vermelho. todos distribuídos como se a distância entre eles fosse milimetricamente calculada.

ao lado, centenas de quadrados luminosos, alternadamente alguns se apagam. em cada um, universos e histórias, em cada um, lágrimas e sorrisos. por longas horas podem manter-se acesos, raros deles nunca se apagam.

sem juízo ou vaticínio, Hécate, filha única de Astéria, concede às estrelas que escolher o bem e o mal que podem ter!

LÁPIDES E TÚMULOS

▪ parte II ▪

CILENE TANAKA

Não, cara, só um pouquinho, não vai não. Deixa só eu terminar esta história. Não sabe quem é o Godot? Sabe que nem eu? Juro! Só falei porque vi um post no feice esses dias. Tinha um caminhão de mudança com este nome. Daí esqueci de olhar no google, mas acho que tem uma coisa a ver com mudança, né. Com algo que tá chegando. Um desejo insaciável, talvez... Não importa a fonte. Ninguém aqui é barsa. Ninguém aqui tá fazendo pós-doutorado que só pode falar citando autor, né? haha Mas você tem razão, o nome é estranho mesmo. Deve ser alguém já morto. Mas é europeu. Vou pagar pra ele uma cerveja da próxima vez, convidá-lo ao meu velório que eu tô planejando com detalhes. Passa lá no meu enterro! E não dou o endereço ou o telefone. Bom te ver! E não sei nem quem é. Este aqui é o meu epitáfio, sabia? O epitáfio do meu amor próprio não correspondido – conhece o Nelson Ascher? Amanhã. Amanhã eu chamo ele, o Godot, amanhã eu chamo o Godot pruma cerveja. Mas amanhã não posso. Depois de amanhã, depois do almoço que eu tô com o bucho cheio e posso beber cerveja sem ter aquele ardidinho de começo de azia. Se bem que passa logo, é só tomar um chá. Mas pra encontro social é melhor cerveja, que desce redondo e me faz mais interessante e legal. Mas só por uma hora. Não, eu não sou interessante e legal com cerveja só por uma hora (não mesmo, nem dá uma hora). Tá, nem é por isso que só posso uma hora. Essa era a resposta poética. É porque tô ocupada. Só posso tomar cerveja com ele, o Godot, durante uma hora. Depois tenho que trabalhar. Na verdade, pensando bem, (vírgula) sou interessante por bem menos tempo que isso. É... Tá vendo, né? Ah, cara, mas o fato é que na verdade, na verdade, não tenho nem uma hora pra tomar cerveja com ele. Cerveja dá sono, daí não consigo trabalhar depois. Quer saber? Sou é morta. Hoje, semana passada, daqui a dez, quarenta e três anos. Sou é morta. Só ia ser viva, bem viva mesmo, se estivesse à beira da morte. Que saco não ter um bom câncer. Imagina a beleza? Tô falando sério. Sempre pensei nisso. Ai, você se choca muito fácil. Imagina? Sério, imagina: só morfina, magérrima e sem preocupação, seja com dieta ou com a imposição de um padrão estético haha careca, sem ter de fazer escova no cabelo e, sério, escuta, sério e ainda haha todo o tempo do mundo pra só ler. Sem obrigação alguma a não ser aguentar a dor insuportável e sobreviver. Sonho. Isso sim são férias. Não fosse o detalhe. Eu presto atenção no detalhe, sabe? Não, olha, na minha humilde opinião, as únicas férias realmente radicais são aquelas na hora do câncer gravíssimo. Juro. Gostou agora, né? Tá incomodado, mas gosta das minhas estranhices, né? Ai, ai, só eu mesma pra pensar numa coisa dessas, né? Haha mas você não acha? Ah! Eu acho, minha cabeça é meio assim, mesmo. Juro. Mal posso esperar. Mas aí não tem tumba, nem epitáfio, e eu gosto é de palavra. De letra morta. Que nem essa conversa. Morta. Eu morta, você morta. A morte na metrópole (Curitiba não é metrópole, né? Mas é meio grandinha) não é inexistente, é a radical existência. É a existência espetacular, como se eu fosse a protagonista de um filme que não é excelente por que tem muitos iguais a ele. Claro que eu tenho que ser a protagonista! Tem um propósito, escuta. Não é só arrogância. Olha, pensa num filme que se fosse mais raro, talvez fosse excelente. Um filme cuja maior qualidade estética seria a raridade. E se você, dona obra artística (não você, você. Você a "dona obra artística", sabe, entende, né?) então, se você, dona obra artística, tem como única qualidade a raridade, tem algo errado. É tipo homem forte, mas insensível à condição humana (sabe? O vazio da existência, essas coisas todas?). É tipo mulher bonita, mas arrogante. É tipo criança que não gosta de dar beijinho na tia e velho que mostra sexualidade. Só um parêntese, já viu aquele velhinho bonitinho? Daí ele te olha tipo comedor, tipo o pedreiro da esquina. →

Você não sabe, porque você é homem. Mas, ah! Então ce sabe. É, isso mesmo. Isso. Daí ele não é mais um velhinho bonitinho que você quer ajudar todo dia lendo história e ouvindo sobre o passado. Quando o velhinho bonitinho te olha com olhar de comedor, você quer que ele sinta cada pontada do reumatismo. Que ele ande cada vez mais devagar e que os filhos o abandonem cada vez mais solitário e que ele morra bem sozinho sendo encontrado pelo cheiro dias depois. Só porque ele me olhou com olhar de comedor. Velho nojento. Machista desrespeitoso. Porque vocês, machistas, fizeram as mulheres (nós) sofrerem durante tanto tanto tempo que agora têm de morrer. Sozinhos. Velhos. Com reumatismo. Fedendo. Pra aprenderem. Se faz de velhinho bonzinho pra dentro da cabeça ficar me comendo. Nojento. E o detalhe aí é que é a diferença, sabe? Ele era tão bonitinho velhinho com cabelo branco. Porque que tem que ser sexual? Pra mostrar que é velho e não criança. Nojento. Algumas contradições não constituem coisas interessantes. Tipo o velho, aquele nojento. Fiquei braba, é. Ah, também. Mas daí eu queria te contar uma parada. É. Tudo isso é pra te contar uma coisa. Mas é pra te contar uma coisa poética, então é outro formato. Você vai ter que ser paciente. Ce é muito impaciente. Pô. Tudo isso de que eu tô falando te diz respeito. Esse egoísmo de todo mundo que nunca quer ouvir as verdades. Não seja assim, ouça. Aprenda a ouvir. Olha, a morte em vida, eu dizia, esta que acontece na metrópole (esta palavra é mais bonita que Curitiba), onde eu tava? Ah! A morte em vida que acontece na metrópole é inexistente. Porque não é percebida, já que tem tanta coisa acontecendo, é uma morte que não existe. Mas como acontece em tanto número, é muito existente. É radicalmente existente. Então a vida e a morte na metrópole (agora já tá soando meio piegas, mas, calma) parecem igualmente importantes. Parece haver mais contraste entre os elementos contraditórios. Quanto mais rara a morte, mais estéticamente importante. Entretanto, (olha meu dedo em riste) entretanto, quanto mais rara, mais comum. Quer dizer, quanto maior a quantidade de raridade, mais comum é a própria raridade, oras. Quanto mais comum. Ah! Sei lá! Já nem sei mais o que eu tô falando. Você fica aí me olhando com este olhão, daí eu me distraí. É, você ouviu com muita atenção, daí eu fiquei com vergonha. Mas, olha, não, não, tá, já tô terminando. Vou te dar um exemplo, você vai gostar disso, olha. Ligo uma música no computador, para trabalhar. De repente, vontade de ligar o toca-discos: que disco eu ponho? Mas... Ei! Eu já tô ouvindo música! Pulsão de vida. Ó, outro exemplo: levanto da cama? Nâo levanto. Fico deitada olhos meio fechados, ouvidos meio abertos. Pra que levantar? Tenho de terminar aquilo. O prazo tá acabando. Ah... Deve ter como postergar. Na verdade sempre dá pra postergar tudo. Pulsão de morte. Só não dá pra postergar a morfina, no câncer. Só se quiser aguentar a dor. Ah! Finalmente férias! As verdadeiras férias. As únicas férias possíveis. Uma vontade de morrer: como faz? Mas...ei! Eu já tô morta! Pulsão de morte e vida. Hoje em dia, uma existência tão coletiva que é extremamente individual. Não é verdade? Ce não acha? É, aonde quer que você vá, esbarra noutro ser humano. Se bem que ser humano é elogio pralguns, tem gente que nem animal é. Mas, tudo bem, não tem população significativa em área rural mais. É tudo cidade. E tudo é gente. E tudo é cheio. Em contrapartida, não pode confiar em ninguém. Ao mesmo tempo, uma existência que evita o vazio, o nada, o inexistente. A gente tá conversando com alguém e dá vontade de conversar mais rápido, falar mais, falar mais alto, falar sobre outra coisa, falar muito mais sobre a mesma coisa, falar enquanto tá falando, fazer parênteses, nunca ser interrompido, falar sobre o falar, falar enquanto tá falando, falar enquanto tá falando, escrever enquanto tá escrevendo, →

respirar enquanto tá respirando, até parar. Daí quando a gente vai olhar o por do sol acha muito demorado. Tipo você, todo impaciente pela tua vez de falar. Tá só esperando tua vez de falar. Essa dinâmica do diálogo é de um egoísmo... Nossa existência que força a entrada no extremo oposto de tudo que não é silêncio e força. Que nos faz perder a sutileza do entreato. O quase. O detalhe da coisa que não é ela toda. É, é disso que eu tô falando. Calma. Sei, tá, vai então. Ninguém tá interessado em falar do que importa hoje em dia, né? É incrível como ninguém se interessa por conversas que realmente importam. Ce ouviu? É interessante, né? Por que será que ninguém se interessa? Sim, justamente o que eu tava falando pra ela. É que o detalhe que mostra um entre-lugar não muito bem resolvido. Ce tem toda a razão e a questão não é que eu supervalorize os detalhes, mas é que quando o sujeito confia num detalhe como determinante, ele o será na economia inconsciente. E o inconsciente determina a ação consciente. E numa medida invejável a qualquer político. Já imaginou? Já imaginou um presidente com tanta capacidade de persuasão quanto o inconsciente! É, porque se fosse só vereador não fazia diferença alguma, né? Haha Onde eu tava? Falei da pulsão de morte em vida, dei exemplos, falei da obsessão e do detalhe. É. Eu tava falando da existência. Uma existência que tortura – não, não decorei esse texto, tô só conversando com você – uma e-xis- sim, ce tem razão, mas, só pra terminar, olha, uma existência através do sorriso profissional que todos os protagonistas da existência social (sim, porque você tinha razão antes naquilo que você falou que todos agimos sempre como protagonistas da sociedade quando nos é conveniente – ah! Não foi você que falou, foi ela, né? É, enfim) é, enfim, uma existência através do sorriso profissional que todos os protagonistas da existência social dominam no nível da excelência. E curioso é que no capitalismo radical ninguém parece receber dinheiros só por sorrir profissional e quotidianamente. Ninguém recebe dinheiros, só capital. Nem a modelo, nem a atriz da globo recebem só pra sorrir. Elas recebem por mais coisas, até pra fingir, até pra ser amiga de alguém, mas não só pra sorrir. O sorriso é acessório. Às vezes indispensável. No Brasil sempre necessário no trato social. Eu? Viiiajei, sim, e você? Fui pra Paris, morei lá. Porque, você já morou fora? É, então, mas o que eu tava falando é que não tem oferta de vagas tipo: procuram-se sorrisos. É, a gente podia fazer isso. É meio riponga, mas é massa. Se bem que, ah...é! E, mas continuando o assunto, ainda assim eles se profissionalizam. Como quem? Os sorridentes. É. Haha Ainda que não seja uma profissão, os sorrisos se profissionalizam. Dá até pra dizer que sorridente é artista. Ué. Não é diretamente útil, todo mundo pensa ser fácil fazer e não é nunca remunerado, mas dá status fazer. Quando você sorri, profissionalmente ou não, recebe um capital social, a simpatia. E só o capital, nunca o dinheiro, paga o sorridente. E o capital, por mais que você queira, não é só o banco. O capital é você, pulsão de vida. O capital é eu. O capital é a morte. Tá bom, vai lá, conversamos depois. Mas não esquece o que a gente tava falando! Não esquece a morte em vida e do falar poéticamente no quotidiano. Peraí um pouqinho, volta aqui, só mais uma coisa que eu queria dizer pra, tava até dizendo pra ele antes dele ir ao banheiro queria dizer da minha morte em vida. Que hoje em dia nem a morte é mais sagrada. Adeus, iconoclastia. Sabe "iconoclastia", né? Estruturar como diálogo em que o interlocutor é invisível. Fazê-la fazer exatamente o que critica – sarcasmo com a posição do intelectual (qualquer um pode sê-lo). ●

Morada do espírito

Virgínia Kleemann

O tabuleiro é novo, mas o jogo é velho, sempre é. Duelar é tão antigo quanto a arte de amar. Rivalidade vem em camadas, entre babados, sacramentados em ceras escarlates. Heróis e Deuses, infinitos em seus delírios e na melodia das harpas, pensamentos vaporosos transcendem tempos e barreiras. Nesta esteira entre idas e vindas, a total ausência do finito. Dentro das ilusões o caminho paralelo repleto de sabores, antes recusados, agora aspirados em nome do prazer insano. Este universo é rico, nulo de preconceitos, apenas vontades ganhando corpo. A aura brilha sobre todos os matizes. Soberba, a disposição que abraça a alma carente. Em alguma ilusão o refúgio sem erros. Terreno onde cresce motivação também tem aridez de emoções, tem canteiros repletos de incertezas. Dentro do corpo mora o espírito: ocupa espaços internos, desliza até os íntimos. Os entendidos dizem que ele não envelhece. Desconfio. O que habita meu corpo velho se acha envelhecido, está rendido aos desânimos adquiridos e às sabedorias desajeitadas. As amarras que sempre prenderam minhas necessidades e as vontades de me expressar persistem; teimosas não querem desatar por completo, nunca estarei livre suficiente para voar. Uma babilônia com suas gavetas emperradas, todas atulhadas e a poeira sobre os porta-retratos perdura além das memórias. Quase nada se esgota por completo. Alinhados ao meio fio dos intervalos, os pecados digeridos, mas não deletados. As misturas se desbotam naturalmente e não brigam mais com a imagem mostrada no espelho, pois este corpo se entregou à ilusão do envelhecimento tardio.

Hipermnésia

Larissa Luz

Luan Campos (detalhe)

Desci num eterno
tobogã negro
de inquietação
desde o dia
em que nasci
meus amores
que me perdoem
mas carrego
todos comigo
em cheiros, cores
e sabores
em caminhos
conhecidos
e também
nos desconhecidos
me pego surpresa
sentindo cheiros
e vendo as roupas
da primeira aparição
elefante sádico
tua risada
chacoalha a casa
inteira
oh grandes mestres
da poesia universal
me livrem desse tormento
de amar o mundo inteiro
dessa vontade louca
de ter mil braços
para poder
ter todos os abraços
que essa maldição
de só saber amar
tudo
e por inteiro
um dia passe
que essa ânsia
de querer descobrir
tudo
e saber tudo
de cada parte
ser o plural
de cada singular
um dia
me deixe em paz
pois não sei lidar
com a linha tênue
que separa
dois opostos
eu quero vestir
todas as formas
e não ser
de nenhuma maneira

Impressões de uma leitora de primeira viagem sobre o *Ulysses* Priscila Lira

Ele voltou a ser o peso de porta do meu quarto. Não há utilidade melhor para o *Ulysses* que ser um peso de porta, além de ser lido, é claro. Eu lembro perfeitamente o dia em que o comprei e senti que, por incrível que pareça, o vendedor já tinha lido o livro. Olhou para mim com um sorriso desconfiado e disse: - *Aah, você quer O UUlyses, do Jooyce, né?* Como quem já esperasse há tempos, me entregou o livro. Me senti como se tivesse recebido a pedra filosofal em minhas mãos.

Sentei no banco do shopping (seria mais legal se eu tivesse comprado em uma livraria-café alternativa da cidade, poder fazer um marketing deles, aqui e tal, mas eu tinha ganhado um vale-presente e não tinha opção. Também não queria comprar na internet, era um livro importante, todo o ritual precisava ser feito), folheei o livro, encantada, li algumas páginas da introdução e saí. Nesse dia, o *Ulysses* foi beber comigo, fiz planos de chegar em casa e ler o primeiro capítulo, bebi demais, dormi. Nos dias seguintes, decidi que ler a introdução me ajudaria a entender melhor a tal da narrativa do Joyce, mas se você começar pela introdução, nunca chegará no primeiro capítulo do livro. Passei quinze dias tentando ler a introdução e, um dia antes da primeira aula, pulei para o primeiro capítulo e surpresa! Eu não entendi nada.

Cheguei na aula (a propósito, eu tive a sorte de fazer uma matéria no mestrado sobre *Ulysses* com o último tradutor do livro, o Caetano Galindo, e isso mudou tudo), já meio desanimada, achando aquele livro muito doido, sentindo que ia ser um desespero escrever um artigo sobre ele. O professor falou sobre as características do livro e entendi que era, basicamente, uma obra que falava sobre tudo, como são muitos clássicos. Tá, nem tudo, o livro não fala sobre biologia marinha, por exemplo, mas essas coisas da vida da gente que, de alguma forma são tudo, como a morte, o amor, o sexo, a sujeira, a ética, o ciúme, o corpo, a arte, a fome, o porre, a pobreza, o desespero (na sua forma mais real, aquela que se manifesta por dentro), o remorso, o caráter e, enfim... Deve ter mais um monte de coisa que eu nem percebi.

Começamos a ler o livro e tudo mudou, eu senti que, na verdade, eu estava lendo de forma errada, como eu lia os outros textos. *Ulysses* pede uma leitura mais delicada, lenta, de preferência com o google por perto, se é que ele pode ajudar muito. Porque o livro parece ser composto de dimensões, como se cada vez que você lesse uma frase (ou uma página, ou o livro inteiro), conseguisse chegar a alguma interpretação nova do que foi escrito. Eu não sei como esse cara conseguiu fazer isso. Cheguei em casa empolgadíssima, li uns dois capítulos do livro, durante a semana, até chegar em uma parte que eu voltei a não entender nada. Essa é outra característica do *Ulysses*: o estilo de prosa dele muda a todo o momento, dependendo da personagem que está em foco, no capítulo, da situação em que ela se encontra, da vontade do escritor... Ou seja, quando você começa a se habituar a um tipo de narrativa (e nenhuma delas é fácil, algumas são extremamente difíceis), ela simplesmente desaparece em algum momento. Às vezes isso é até bom, porque, em algumas horas, a escrita é propositalmente ruim, ou chata, ou lenta, ou repetitiva, ou cafona e você reza para que o próximo capítulo chegue.

Por quê ele fez isso? Para ser realista e transmitir de uma forma mais intensa o sentimento daquela situação, para demonstrar sua incrível capacidade narrativa, para fazer O Romance dos Romances (e tudo que isso possa querer dizer). Mas eu não teria conseguido ler o livro sem as aulas, que eram, basicamente, a leitura e a explicação dos capítulos, porque mesmo em uma turma de pós-graduação (ui), é impossível partir para uma análise profunda do texto sem que ele seja explicado antes. Do que vi, as pessoas que se aventuram por conta própria e conseguem terminar e extrair bons frutos do *Ulysses* usam versões anotadas do livro como suporte, feitas por outros intelectuais, mas isso hoje, né, com a internet, o google... Eu não sei se teria essa disposição toda como marinheira de primeira viagem.

Mesmo com as aulas, perdi o ânimo algumas vezes, pulei uns capítulos, não é um voo fácil. Mas, ainda com essa minha leitura toda cheia de buracos, me peguei, em momentos do meu dia, naturalmente, comparando a minha vida a capítulos da *Odisséia* (hahaha, é sério), passando por umas crises existenciais absurdas por conta das reflexões sobre o livro, usando *Ulysses* como exemplo para tudo nas rodinhas de conversa (que chatona), comi chá com torradas no café da manhã (mas eu acordo antes do meu companheiro, o Diego, e não rolou de receber na cama), tive vontade de comprar rim quando vi no supermercado! (Acontece que as aulas acabavam meio-dia e nem sempre tomo café antes de sair de casa, então eu estava quase sempre com fome durante a aula e o livro fala muito de comida, logo, ficava com desejo de comer todas as comidas da história). Mas o Diego me convenceu de que comer rim não é um negócio muito legal.

Enfim, um livro intenso. Ao final, me fez sentir aquilo que o Barthes chama de Petit Mort (grosso modo: aquele vazio que você sente ao fim do livro, que geralmente é relacionado à intensidade de sentimentos (o prazer do texto) que ele te causou). Agora me resta ler de novo. A boa notícia é que o Galindo vai publicar um guia de leitura do livro: o *Ulysses* ficará um pouquinho mais acessível. Ele vai ficar ali, me encarando da porta, até o dia em que eu estiver novamente pronta para a batalha. ●

INÍCIO

Você foi parado por um autointitulado poeta punk. Pague RO$2 por poemas em papel de caderno e ouça uma reclamação.

Seu texto foi revisado e voltou com dois erros de digitação. Reclame para ninguém: ninguém se importa. Não esqueça de pagar RO$10 porque você é burro(a) e perdeu a carteira no ônibus.

Você foi acusado de sexismo. Passe três rodadas na cadeia.

Você queria ter sido jogador de futebol, tentou carreira literária e não tem dinheiro para manter um plano de saúde. Pague RO$100 e crie um jornal literário grátis.

Você não teve tempo de ler os últimos cinco livros que comprou. Pague RO$120, pois não ter noção de como distribuir o tempo é problema seu.

Você se arrependeu de sua formação acadêmica. Pague RO$400 e cinco anos de cérebro, pois você também não aprendeu nada no seu curso.

Sua carreira literária alavancou e você é um sucesso. Pague RO$5.000, porque somos frustrados e invejamos negativamente. Aliás, você está eliminado. Receba elogios no **RelevO**.

Você teve tempo de ler os últimos cinco livros que comprou, mas não o fez. Pague RO$120 e reclame de falta de tempo.

Seu interesse romântico lhe mostrou um conto. É um dos garranchos mais porcamente escritos da civilização, desde a escrita cuneiforme. Elogie e se sinta um lixo.

Você se arrependeu de não ter formação acadêmica. Empreste RO$500. Pague-os. Nunca mais utilize a expressão “eu vivo é da minha arte”.

Você leu mais de cinco mil livros, mas não aprendeu a rir de si mesmo. Ganhe logo o jogo e pule para a página 23.

Seu conto foi publicado no **RelevO**. Não receba nada.

Jogo da Vida do **RelevO**™ é mais um oferecimento: da Redação

chegou o

JOGO DA VIDA

do **RelevO**!

Participantes: 1. Você é seu maior adversário — ao menos essa é sua desculpa para manter esperança de que há potencial na sua vida.

Idade recomendada: +12

Moeda: RO$ (RelevO$)

Você assinou o **Jornal RelevO** (POR FAVOR, NÓS IMPLORAMOS). Perca 50 reais, mas ganhe RO$500 para o próximo jogo da vida!

FIM (?)

Gênio do sarcasmo, você fez uma piada no trabalho, mas acharam que era sério. Receba RO$250. De seguro-desemprego.

Você ganhou uma batedeira num sorteio de supermercado. Receba uma batedeira.

Seu gato — afinal, você só pode ter um gato —, confundiu seus rascunhos preciosos com um rolo de papel higiênico e os destruiu. Pague RO$5 em outro caderno. Ao utilizar o banheiro, repare que acabou o papel higiênico.

Seu livro favorito tem algumas traças do meio para o fim. Não pague nada, pois você entendeu isso como uma metáfora de sua vida.

Você não entendeu o livro do Samuel Beckett. Receba RO$10 por ter a dignidade de vendê-lo em um sebo.

Sua avó pergunta o que você está fazendo para não precisar de antidepressivos. Você responde “tomando antidepressivos”. De repente, ela parece bem mais sábia que você. Receba RO$50 por pena.

blues

When the train, it left the station
with two lights on behind.
Well, the blue light was my blues
and the red light was my mind.

Robert Johnson

Ela se foi.
Estou só:
o último cara
no último bar.

Ela se foi.
Restou só a noite
dentro e fora de mim.

Ela se foi.
E com ela foi-se tudo
o que um dia eu fui.
Ficou só a minha dor,
a minha gaita
e este blues.

Ela se foi:
o dia que vai nascer
sobre a estação deserta
será o mais azul
e o mais triste
do mundo.

otto winck

beat

entre a santidade
e a insanidade
não há mais que um
vão

pois é: passei o rubicão

sou agora
– totalmente perdido
e beatificado –
pura iluminação.

Isabella Lanave (detalhe)

Leopoldo Comitti

Por Mares Navegados

à Camões

Já não se semeia seu mar
de altas vagas,
apenas de metáforas cansadas,
rumo ao triste porto
de um fim senil.

Em atlânticas palavras
tracei, traçamos
a identidade tardia,
sem épicas, em versos toscos.

Epígonos de epígonos
de poéticas anacrônicas
tecemos o chão movediço
e pisamos
somente e sós.

Cenário

Janela em sombras
o fio prende a cena
em silêncio, sob a fala.

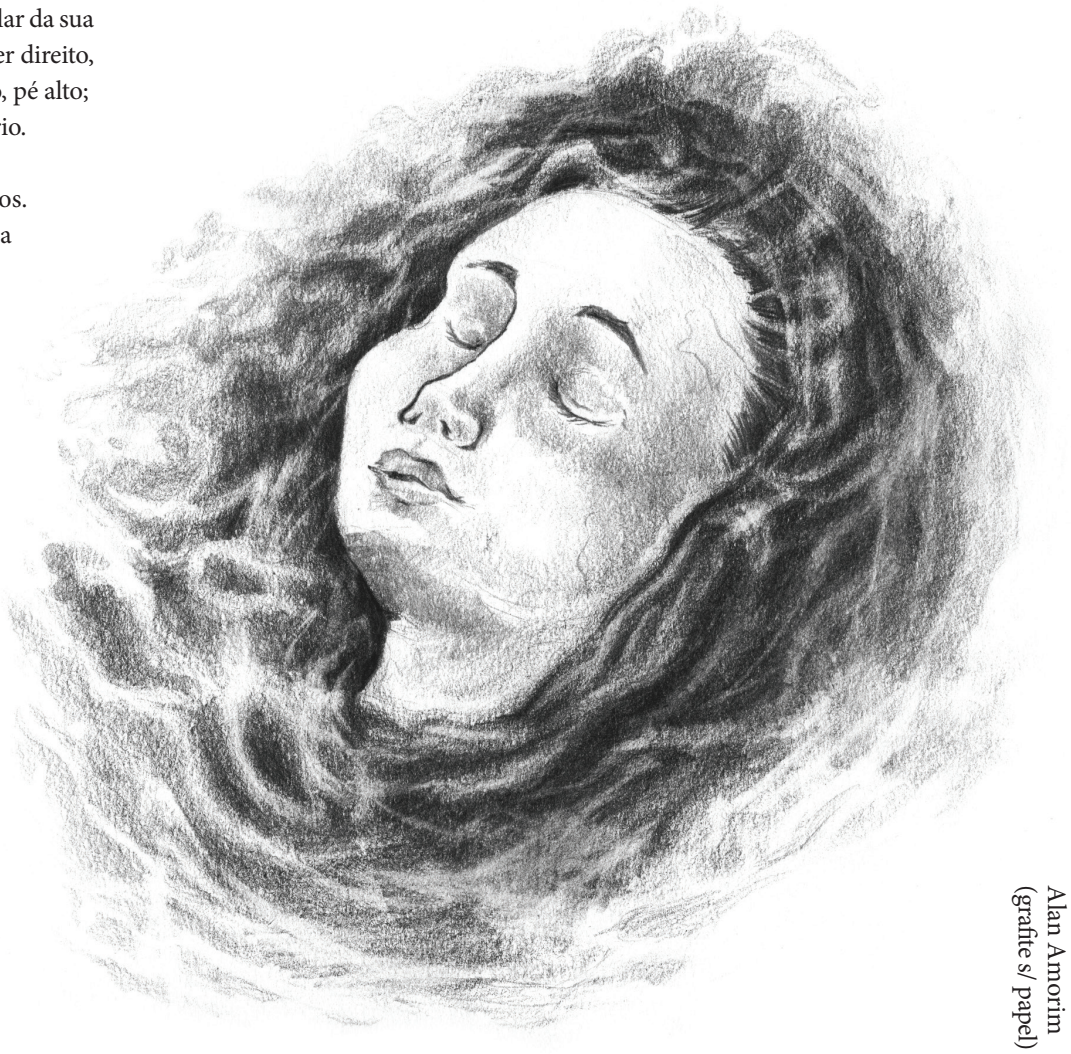
Emerge a ruga ilusória:
contraste e luz,
risco no branco
sobre a linha,
barreira plástica
entre imagem e olho.

Corda rompida,
o telão cai
de argamassa e tijolo
no desnudado teatro
a palavra esgarçada
rompe
sobre o fundo branco.

Mariazinha e o rio

Robson Vilalba

mariazinha, você é levada demais!
menina.
nem tinha acabado de fazer 9, brincava na terra e chegava suja em casa.
estava inquieta naquele passeio, domingo à tarde.
eita teimosia!
sapeca. queria mais era subir naquelas árvores que não moravam no seu quintal. queria saber também se seu pai, zé brito, conhecia aquele bicho que não era nem besouro e nem borboleta, mas tinha feito ela rir. zé brito cuidava da brasa, por essas horas os meninos estavam pra voltar do rio trazendo os peixes. mariazinha jogava pedras no rio, folhas no rio, galhos no rio... tamanho interesse pelo rio.
no rio não, filha!
isso a deixava alvoroçada, pois tinha tudo, a não ser o rio. fazia tanto sol, depois de tanta chuva. Não havia no ar nada que fosse presságio, para o final daquele passeio, na beira do rio. léco, filho do zéca, voltou do rio pra pegar cervejas: vai ter peixe dos grande. o seu pai era bom pescador. tava lá também tio tobias que gostava de uma história. de pescador? tinha um monte. foi nega, mãe de mariazinha, que lembrou uma das boas dele. tava lá no arroz, gorando a pescaria e torcendo pra ele não pegar nada, só pra poder zoar o tio.
mariazinha passava.
olha a rôpa, mariazinha! aquela mão preta e suja da lama de beira de rio. pra não falar da sua roupa, que sua mãe só adivinhou. ela tava se pintando toda de rio. não dava pra ver direito, mariazinha passava rápido. ela ia sem a culpa do pecado. só queria saber de bicho, pé alto; não lhe sobrava tempo para essas meditações. naquela hora ela queria ser aquele rio.
peguei cinco goiabas, mãe.
mariazinha, muitas vezes, parecia um menino. ela nem andava com meninos. tinha as unhas feitas e usava vestido no domingo. era uma linda mocinha, ainda que muito travessa. talvez fosse o quintal grande, o principal responsável pelo desassossego da menina. lá mariazinha passava a maior parte do seu tempo; se reinventava mariazinha.
separou as goiabas pra mais tarde, estava cheia. não de peixe que mal comeu. sim dos pães com molho de salsicha que sua mãe trouxe. comia toda vez que parava pra tomar fôlego, ou narrar um dos feitos. eram duas da tarde, mariazinha havia inventado alguma coisa, com alguns galhos, disse ser uma vara: iria pescar.
cinco goiabas, mariazinha? tio tobias, mirava uma das goiabas. dá uma! apanhava uma goiaba. mariazinha nem lembrava das goiabas. estava radiante brincando com o rio. a noite ia chegar mais tarde, devido ao horário de verão. podiam até ficar mais se quisessem. é bom sair cedo. zéca não gostava de dirigir durante a noite. se começasse a se arrumar às 5 da tarde talvez cheguemos antes do sol se por. tio tobias juntou as varas e as prendeu no alto da brasília 77. nega juntou as panelas.
ê... mariazinha! a menina estava suja de tudo. uma criança tão feliz que a boa razão teria pena de condená-la. lembrou do rio, lavaria os pés e aproveitaria pra se despedir dele. O grito só veio depois, já da água. sua filha, nega! mariazinha havia caído ao tentar lavar os pés. batia-se toda e bebia muita água. o rio, que era maior, a bebia de volta. léco nem pensou ao desafiar o rio: pulou.
a menina estava desesperada. a mãe gritava ainda mais. léco, todo atlético, pescou por toda vida, tinha muito tempo de rio, chegou depressa na menina mas não conseguiu voltar. o rio, que tinha muito mais tempo de rio, nadava no sentido contrário. zéca viu o rio levando dois filhos de alguém e pulou. zé brito fez o mesmo, só tendo olhos pra sua menina. desceram juntos, sob o governo do rio. afoitos, os outros acompanharam, quase 5 quilômetros rio abaixo. tobias pulou. não dava pra acreditar que deus levaria tantos. num só dia, num só rio. era mais um que lutava contra os rumos da sorte. já o rio se mantinha rio. as águas do rio levaram mariazinha. levou a calma de nega que, às vezes, duvidava do que tinha acabado de ver. levou aquela tarde. depois, todo o domingo. levou quatro homens que acreditavam no amor do outro.
a menina brincou tanto nele... brincou tanto nele.
não era possível que o rio nem notasse a menina, que só era candura. nem tivesse notado aquela tarde, sol a pino depois de tanta chuva.
tanto que ela queria o rio.
mesmo assim, não se pode culpar o rio. o rio a levou e aos outros quatro.
só a devolveu na terça, à tarde.



Alan Amorim
(grafite s/ papel)

Fragmentos de *Todo Fogo* (1983)

Souzalopes

seja poesia sim mas diga não – não é a lingua
em que se fala poesia e se pratica
o exercício do verso e da vida –
e se diga poesia ao contrário: traço por traço
se recorte e se componha o novo abecedário
e poesia se plante no escuro (a palavra semente e
seu lento germinar ao pé do muro)
e seja uivo e fúria e fala e ferida
e poesia só se viva como vida

homem nação de 2 pés
palavra com palavras
por dentro e por fora
sua fera é a fome
quando se morre se chora

fome química da morte
fera e ferida do homem
ursa e loba ruça
não morde seu uivo é mortal

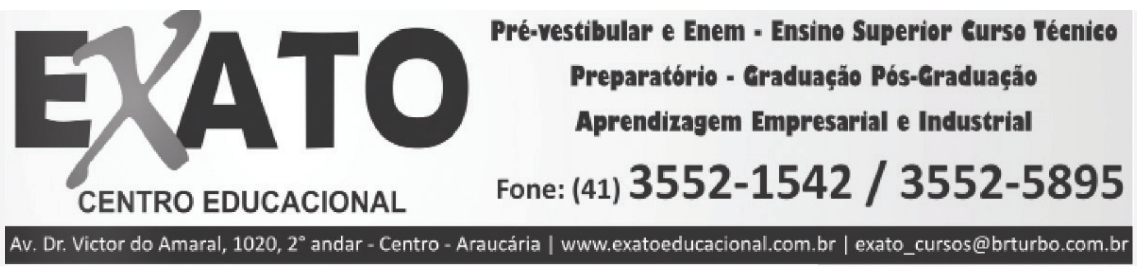
filosofia palavra magra
osso de borracha dente
postiço de gelo falso pedaço
de braço decepado mão
cerrada na areia e enterrada

poesia cadela dialética
palavra que fala silêncio
fala que cala cética etc

vernáculo vocábulo demoníaco
íncubo/súcubo coágulo
de sangue de peixe cangulo

Souzalopes por Alexandre Guarnieri

Mário Luis de Souza Lopes, ou simplesmente Souzalopes (1954-2012), nasceu em Recife (PE), indo muito cedo para Itajuípe (BA). Advogado, radicou-se em São Paulo de 1982 até sua morte. Publicou poemas esparsos em revistas e coletâneas, e os livros de poemas Pau & Pelo (1980), Todo Fogo (1983) e Hágua (1988).



julio urrutiaga almada

em um mapa sem cachorros

Em um dia fúnebre
Antes da hora
Do Mês dito Agosto
O prato do pranto
Foi a flor que chora
Frio e nunca no ponto
O meu verso é dessa
Forma: fugidio inexato
O sangue não é lágrima
Mas bóia no mesmo prato
E eu de mim tudo perdi
Ao olhar inconformado
Os dias no calendário
Rasgados e putrefatos
Para dizer do tempo: venci
E nunca de fato
Ter o tempo segurado
Umas vezes ele me prendia
Nas outras me degolava
E o sangue doce foi
Uma mesa vazia
De esperar e embaraço
Tudo o que eu antes dizia
Hoje me olha estupefato
Frangalhos meu sonho inútil
Outroras meus simulacros
Nem fingir mais eu sei
De tanto que me zombaram
E se o verso me verte algo
Me exaspera ser: enfático
Sou a metade do caminho
De um fim que nunca sabe
A que veio aonde termina
se depois de tanta armadilha
Compensa todo vil pedaço.

Flora Rocha

Disseram que eu não tenho foco, mãe. Aí perguntaram: o que você sabe fazer? E eu respondi: sei escolher tomates. Por que me lançaram aqueles olhos de espanto? Eu amo tomates e amo escolhê-los. Tenho cuidado e amor por tomates. Ontem fui ao mercadinho da esquina, onde costumo comprar tomates, mas estavam todos verdes, manchados ou machucados. Prezo pelos tomates e por minhas escolhas. Cato um por um, com cuidado e amor, procurando com-paixão: tomates vermelhos. Quando escolho tomates, prefiro os mais vermelhos. O que não significa que são os mais maduros. Mas também prefiro os mais maduros. Não amasso que é para não estragar. Porque prezo pelos tomates. E por minhas escolhas, eu disse. Sei escolher tomates e tenho prazer em escolhê-los. Eu amo tomates: vermelhos, maduros, escolhidos. Gosto de admirar os tomates vermelhos que escolho. Parece exagero, mãe. Parece dispersão? Devo cair em profunda distração ao admirar tomates. Devo sofrer de distração aguda ao cair em admiração por tomates. Mas é uma diversão. Tenho prazer em escolhê-los, admirá-los... e prepará-los. Gosto de lavar tomates e assistir a chuvarada incolor grudar na sua pele vermelha. Gosto de cortar tomates e dizer: que coisa mais bonita! Tomates são lindos em forma, em pele, em polpa, em cor. Tenho prazer em admirá--los, mesmo que isso me custe o foco. Gosto de preparar tomates com amor e cuidado, porque foram escolhidos. Admirar tomates para prepará-los com amor e cuidado. Cair em profunda distração aguda ao admirar tomates para prepará-los com amor e cuidado. Porque prezo pelos tomates e por minhas escolhas. Porque amo tomates e os escolho com cuidado e amor. Porque gosto de saborear os tomates escolhidos. Parece repetição, mãe? Você não está entendo nada. Disseram que eu não tenho foco. Por que me olham com espanto?

EU SEI QUE SEI ESCOLHER TOMATES! — Eu devia ter dito. •

troca

Marlon O.

troca;

os teus pés na grama
dançando para estrelas que já morreram.

uma cidade refletida nas asas do avião.

a criança mirando a pipa no alto.

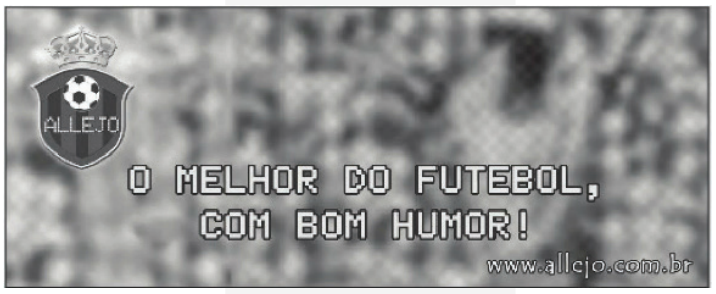
poder tudo,

quando assim o vento deseja.

voar
a face do globo
e
vestir-me diferente;

hoje,

eu nasci para o sol.



JULIA NASCIMENTO

Quando será que você vem? Te espero todos os dias antes de dormir. E porque sempre demoro muito pra dormir, fico pensando em você. Como você é? Suspendo a respiração, sem me mexer, absolutamente atenta aos barulhos que aparecem. De madrugada. Na cama. Eu não me acostumei ainda mesmo depois de três anos. Não sei da onde vêm esses barulhos. Não é nada! Pensa que me tranquiliza. É o vizinho de cima fechando a janela, é um miado longe na rua, é a geladeira velha, um tropeço, um ai, psss. Você chega hoje à noite? Agora eu tenho que fechar a porta pra dormir porque não aguento fechar os olhos e perder a sua silhueta na escuridão. O rosto que vai se revelando. Os olhos. É engraçado porque mesmo quando tá quente me cubro até o pescoço para você não me pegar desprevenida. Quero estar dormindo quando você chegar. Vou estar dormindo, eu sei. Vencida pela vigília noite adentro. Quero o susto. Quero a comoção. Quero a vontade incontrolável de fazer xixi. E quero a obrigação de me levantar num pulo. Às suas ordens. Ai! Como eu te espero pra me tirar desse tédio que me afoga mais do que o cobertor! O som da invasão ecoando surdo no silêncio da noite, enquanto eles dormem. Cada vez mais comum esquecer de trancar a porta e fingir uma leve claustrofobia pra deixar a janela semiaberta. Mas você não vem. Por quê? No café, o jornal anuncia a sua chegada. População chocada com atentados violentos. Criminalidade se espalha pelo país. Ondas de terror na zona sul. Não estamos mais seguros nas nossas próprias casas. Tripulantes, abandonar navio!!! É aqui. É aqui. Semana passada sequestraram um casal no estacionamento do supermercado aqui em frente. Desmaios de emoção. Movimentos vaginais involuntários. Sensível rigidez nos mamilos. Agora imagina como eu fiquei quando um dia o Mauro me acordou porque estavam tentando entrar aqui em casa. Pela porta da frente e com muito barulho. É assim que acontece? Imagina que o Mauro, com o sono mais pesado do mundo, acordou primeiro que eu. Mas fui eu que fui. Com o coração saindo pra fora de tanto bater. De tão rápido fazia mais barulho que a maçaneta. As minhas duas mãos na porta sentiram a vibração. E bem devagar me aproximei do olho mágico. Era como se eu não olhasse de dentro pra fora, sabe, mas de fora para dentro... para dentro de alguém... um olho mágico que dava para dentro de uma outra pessoa... que eu ia enxergar... o segredo... o nosso segredo sujo... sujismundo de sujeira suja. Era só o vizinho do 204. In-de-fen-sa-vel-men-te bêbado. Me desculpa. Tinha errado a porta.

Stefano Calgaro

regata

A fragata
:não entendo onde
pudessem teus amigos
remar (até) aqui com você e eu
você não imagina eu imagino
:glória causar teus ossos marasmo
quem convidou seus amigos
à esta regata?
um remo à esquerda outro a direita
na grama do corpo
e você o mesmo marasmo
quando eu digo
:Fragata
:e perdemos
uma canoa
de vista

o passeio ficaria aqui

É claro que o passeio ficaria
aqui, então. Os braços já não têm
largada ou medida a recorrer.
Você botou (aqui) uma comemoração
,pegos de surpresa,
até que se crave nos ossos
e não notemos que o chão
tem andado indecifravelmente
sob nossos pés. Velcro, eureca,
põe-se andando antes
que mostrem a que *pathos*
não devemos recorrer
-mas eles mesmos definham
em melhor exemplo
-é claro, aqui, seria de destino
degringolar. Não há
finco que não exceda
os joelhos, conquanto
tenham de se mostrar escassos.
Em melhor exemplo, é claro,
deixar este belo ronco
fazer surpresa no parque
amanhã, três e cinco.

Luan Campos (detalhe)

Prosa-elegia pro Chico Cabral

Ronaldo Werneck

Escrevemos
porque sabemos
que vamos morrer.
Escrevemos
porque não sabemos
por quê.

Domingo, 24 de agosto de 2014

"Perdemos nosso amigo. Cabruxa partiu há meia hora". Vindo do Rio, o telefonema da última quarta-feira, 20 de agosto, era da poeta Lina Tâmega Peixoto, e a notícia – embora esperada, mas não tão cedo – me deixou a nocaute. Cabruxa era como Lina denominava o seu, o nosso grande amigo, o poeta Francisco Marcelo Cabral, que eu aprendi desde a juventude a chamar de Chico-Chiquinho Cabral. Eu estivera no Rio até a véspera, gravando uma entrevista para TV e, naquele momento, já me encontrava em Cataguases, envolvido com um projeto que precisava enviar para Belo Horizonte até sexta-feira. Parei tudo. Minha mulher, a Patrícia, encontrava-se em uma audiência no Fórum. Esperei que ela voltasse, ainda meio sem saber o que fazer. Já era final de tarde, eu ainda meio a nocaute. Patrícia sugeriu que seguíssemos logo para o Rio.

Noite alta – e, por ironia, "céu risonho"–, fomos estrada afora, eu me lembrando de meu amigo maior. E veio o fragmento de um de seus primeiros poemas: *É hora de sol/ lá fora/ e noite, no coração./ Milhares de estrelas,/ borrões/ que as nuvens carregarão.* E outro, de seu mais que admirável livro *Inexílio*: *Amar menos/ é morrer/ como o rio sendo freado pela areia/ como tirar os óculos, desligar o telefone,/ guardar a máquina de escrever e sair de casa/ para nada.* E logo outro, vindo lá de 1949, de seu primeiro livro, O Centauro, editado em Cataguases: *Me matei de sombra/ Me pintei de roxo/ Fiz um metro, um canto// Para o meu amor./ Que lucrei?/ Um verso./ Que fazer? cantar./ Mas se há dor? que importa!/ A dor é só instrumento.*

Cidade Interior

O carro corria na noite e me lembrei de um bilhete que mandei pro Chiquinho, quando ele lançou *Cidade Interior* (Rio, 2007): "O seu despojamento, essa sua dicção absolutamente particular – que não consigo identificar em nenhum dos poetas que conheço – esses seus 'poemeus' de antitergi/versar que me comovem, que me locomovem a cada vez que os releio, meu caro Chico Marcelo, e que pro seu universo (re)torno – mesmo 'que' com todos esses 'quês' –, para essa sua Cidade Interior. E confesso ser cada vez mais tomado pela alta tensão de sua 'escritura' (*merci bien et voilà, M´sieu Derrida*), esses poemas que tanto me tocavam a cada releitura, e que hoje guardo e guardarei sempre: *é onde às noites os medos / .../ cortam as luzes das ruas / .../ as pisadas no tambor dos pesadelos / .../ (e onde os mortos rumorejam pelas grotas) / .../ uma cidade para sempre estacionada/ no poema/ – falsa e inesquecível*".

Esses poemas – escrevia eu naquela ocasião – sobre os quais não sei ainda o que dizer agora, numa primeira e rápida e mais que prazerosa leitura. A não ser o óbvio, aquilo que sempre digo: além de tudo, do grande poeta, você é também "*il miglior fabbro* da Dr. Sobral" (*a rua de Cataguases onde nascemos*). E aquele poema então, aquele *insight*, coisa de poeta maior:

Todo poema é celebração
mesmo não lido.
Todo poema é de amor
mesmo perdido.
Todo poema fica por aí
mesmo esquecido.

Não, não ficam. Não os desta Cidade Interior, não se poemas como aqui, nesta em si clari/cidade: *antes que o sol mergulhe e se apague no mar*. Daqui, poema nenhum, nenhum sol será apagado.

Campo Marcado

Em abril de 2008, abri a apresentação que escrevi para seu livro *Campo Marcado* (Rio, 2010) com um pequeno poema que Manuel Bandeira lhe dedicou.

Ao poeta de Cataguases,
Autor do belo Centauro,
O Poeta Manuel Bandeira
Envia um ramo de lauro,
Saudando-o desta maneira
Ás futuro entre outros ases!

→

"O poemeto de Bandeira é de 1949, ano da publicação de *O Centauro*, o livro de estreia do jovem poeta Francisco Marcelo Cabral, então com 19 anos. São na verdade 'antenados' os poetas, mesmo aqueles que se dizem 'menores', enquanto grafam na maior, e com maiúscula, o seu epíteto.

Ás futuro entre outros ases! – saúda um muito do exclamante Bandeira, antecipando a rica trajetória de FMC nas próximas seis décadas. Poucos livros publicou o poeta desde então, mas todos definitivos. E eles o colocaram ombro a ombro com os melhores poetas desta e de outras praças e, claro, no pódio dos ases de Cataguases, aqueles rapazes que fizeram a Revista Verde e marcaram a história da cidade.

O 'ramo de lauro' de Bandeira foi devidamente assentado na cabeça de Francisco Marcelo Cabral, que o ostenta com toda a dignidade do poeta singular, poeta maior que é. Poucas vezes – nenhuma! – vi gente tão culta, de tão grande sensibilidade e inteligência como Francisco Marcelo Cabral. Brinco de chamar o poeta de brilhante, mas brilhante é pouco quando se trata dele.

Brinco também chamá-lo de 'meu guru' (e não é?) desde que – lá se vão quantos anos? – ele me levou, no Rio, à casa de Alexandre Eulálio, então leitor oficial da Biblioteca de Veneza, para que eu conhecesse 'uma das pessoas mais cultas do Brasil'. Pois é, Alexandre e eu ficamos arrebatados por aquela noite inteira a ouvir o poeta que sabia de tudo um muito mais que tudo.

Francisco Marcelo Cabral é um poeta-perguntador e por isso mesmo capaz de articular respostas essenciais, de nos propor descobertas: *as palavras são portas de saída mas não de entrada. A emoção ou conceito, presentes num texto, são de quem o lê e não mais apenas de quem o escreveu*.

Que o diga agora este *Campo Marcado*. Melhor, que nele possamos (re)ler e (re)assumir a emoção que ressurge a cada poema: *A luz e o silêncio em mim sabem a vida/ e quando respiro/ tudo o que não entendo faz sentido*. Com seus metapoemas mais que luminosos, com sua grande intensidade, Chico Cabral faz de *Campo Marcado* pedra de grande quilate, que há de rolar sempre entre seus (muitos) fiéis leitores. *Escrevo a língua do meu avô/ sem permissão*. Ora, por quem sois, meu poeta! Vosmicê tem mais que toda permissão!".

No Rio de meados da década de 1960, Chiquinho Cabral e eu erámos redatores de um escritório de planejamento econômico, *Leone e Associados* (um dos associados era o próprio poeta, sem controvérsias o "cérebro" do escritório). Um dia, chegou um projeto de cemitério vertical e ele, como numa premonição, foi seu maior defensor. No Rio, na manhã da última quarta-feira, o corpo do poeta foi colocado – ao lado de seus irmãos, Edvar e Pedrinho – numa das gavetas do Memorial do Carmo, aquele mesmo cemitério cuja verticalidade tanto defendia o redator Francisco Marcelo Cabral. Estava lá Chiquinho Cabral, com a fisionomia tranquila, como se voasse após meses de sofrimento.

Alguém leu um poema de seu *Livro dos Poemas* (Rio, 2003), um de seus cantos para o Maharaji: *Meu mestre dança como os pássaros./ E canta com os claros tímpanos da aurora./ Ele caminha como a brisa sobre as rosas./ E eu sou a almofada sob seus pés quando repousa*. A seguir, o ritual fúnebre, mesmo não sendo católico o poeta. Foi quando mais uma vez, como em todos os muitos velórios a que já fui, voltei a assustar-me – talvez por "ler" errado – com aquele trecho da Ave Maria: "E agora e na hora de nossa morte, amém". A poesia vem do susto, do espanto: *O leitor se assenta./ O poeta puxa a cadeira/ a poesia é o tombo./ O leitor se enleva/ o poeta o empurra no abismo/ a poesia é o voo.*

Voando, me vou

Logo depois da cerimônia, eu e Patrícia voltamos para Cataguases. Um dia belíssimo, de sol e céu azul, que me fez lembrar um mês de maio de não sei quando em que eu e Chiquinho Cabral viajávamos por essa mesma estrada. Estava contente e alegre como sempre o meu poeta, que dizia preferir, entre todas, as manhãs de maio e céu azul. Tinha razão: mesmo de sol e céu azul, costumam ser traiçoeiras as manhãs de agosto. *Quando essa respiração vem/ com renovada força de vida/ não perguntes nada/ simplesmente a recebe e aceita/ e gratidão seja a música de tua alegria.*

Já em Cataguases, debrucei-me sobre o famigerado projeto, que consegui enviar a tempo para Belo Horizonte. Mas por todo o tempo em que escrevia, a presença de Chiquinho Cabral permanecia em mim – e os poemas de Francisco Marcelo Cabral assomavam, saltavam de meu ser, como se voassem:

Temo jamais ter merecido
as asas dos meus versos.
Às vezes eu as desprendo – é noite, é Minas –

E como quem espreguiça
num largo espasmo
alço-as e me vou, ou sou levado
voando, me vou.

Cenas Urbanas

Daniel Zanella

NOITE DE CHURRASCO

É segunda-feira e é noite de churrasco no Gato Ajato – escrito assim mesmo. Não somos muitos, uns 15, cada qual com sua embarcação à deriva. Um bêbado notório: sempre que entra alguém novo no bar, alega ter sido jogador de futebol por dez anos. E sempre mostra uma cicatriz no joelho. Na prateleira, uma marca de uísque que não conheço: Grand Macnish. Não irei pesquisar sobre. Quatro cachorros rondam a churrasqueira, dois são chamados pelo nome. Na mesa de sinuca, um embate entre o sujeito com a jaqueta da empresa de gás e outro com uma jaqueta branca costurada nas costas *CORINTHIAN*.

Toca no bar: "Não vou parar de beber... Não vou parar de beber... O copo é minha companhia...". Uma moça me escreve. Está lendo meu mapa astral e me explica, com paciência, os ascendentes e os capricornianos. Uma aranha de longas pernas se move lentamente acima da garrafa de Amarula. Dois amigos reclamam no sofá e maldizem as mulheres, que são condecoradas com os seguintes termos, nesta ordem: 1) Vadias; 2) Biscates; 3) Putas; 4) Vadias, de novo; 5) Ardilosas. A simpática dona do bar, uma mulher, portanto, ardilosa, me oferece um prato de costela, que aceito com mais pressa do que recomendariam as normas de boa conduta.

Ouço: "O Paraná não joga hoje?". "Não joga", responde o rapaz no fliperama. Penso: "Joga, sim", mas é o Paraná, aí deixo pra lá. Não. Espera. É Paraná x Joinville. Quanto devo das três cervejas? Atravesso a rua e estou em casa. Abro a porta e me reconsidero no silêncio de meu próprio calabouço afetivo. Ligo o rádio. •

Cinerário

Ademir
Demarchi

Como uma onda, a vida vem, a vida vai

Num irônico epitáfio, Duchamp dizia: "...são sempre os outros que morrem..." E enquanto não somos nós mesmos a morrer, somos obrigados a assistir aos que se vão, que nos eternizam com suas mortes, até que descubramos qual será a nossa própria forma de acabar com a fantasia que é a vida. "A vida é sonho", disse Calderon de La Barca numa das suas mais conhecidas comédias em que ironizava as vaidades da vida. Nessa peça, ele ecoava o Eclesiastes em seu ensinamento de que é vã a vida humana, sujeita à vaidade e às aflições do espírito daqueles que buscam glória e riqueza querendo ser distintos.

Mas se a vida se alonga, acabamos por falar como a mãe de Jorge Luis Borges que, ao completar uns 90 anos, disse a ele: "acho que passei da mão", querendo dizer que estava exagerando... No entanto, ela chegou perto dos cem anos.

E tudo isso para quê? Para falar sobre a morte de um poeta, esse professor da UEM que tantos já lamentaram ter morrido em 2013, o Marciano Lopes e Silva, que pareceu querer seguir o bilhete do Leminski, que também se foi aos 48 anos. Isso é que dói: os caras nem chegaram ao segundo tempo e tinham tudo pra bater um bolão. Mas podemos dizer que mandaram bem na vida e no caso do Marciano é de se lamentar que ele parou bem na hora em que estava na melhor fase. Estava escrevendo poemas auratizados pela maturidade. É melhor deixar que ele fale por si, em seus próprios poemas.

Tendo estudado Oceanografia, tinha uma atenção especial pela natureza: "Ciclo": "Nas noites de chuva/ o verde novo enrijece./ Sonha lua nova." Ou "Brotinhos./ Por entre folhas verdes/ brotam caracóis.". E "Frutos podres./ Passarinhos avoam./ Botões em flor."

E, como professor, ele também escreveu pensando a profissão: "Da difícil tarefa de ser ator" / Ser ator é moleza,/ barra é ser professor. // Interpretar todo dia/ sem ao menos ter um palco/ por salvação/ não é pra qualquer um// só para hipócritas/ e ratinhos/ de laboratório.// Viver por tanto/ então/ nem se fale.// Somente louco/ ou artista./ Tanto vale."

Mas talvez ele tivesse o sentimento dessa urgência que seria sua vida: "Seminar" /: O amor da gente é como um grão./ (Drão – Gilberto Gil)// Quem disse que temos todo o tempo do mundo?!/ Se assim fosse, por que amar as pessoas/ como se não houvesse amanhã?!// Não, o tempo não pára/ e o sonho é como um grão:/ tem que morrer pra seminar".

Sim, viver a vida e vê-la passar diante dos olhos é um absurdo: "Mirando Janis Joplin"/ " É nesta cadeira, vejam,/ é nesta cadeira vazia/ que ouço Janis Joplin/ e converso com Bertold Brecht/ sobre os absurdos do mundo./ É nesta cadeira, vejam,/ que ouvimos Neruda cantar/ e converso com o mais estranho / e eclíptico demente/ que com meus olhos meninos eu vi!/ Ele se delicia com rainhas,/ balões, porcos e pedras rolantes,/ Mirando Janis Joplin/ grita berra! e sussurra baixinho.../ que não tem certeza de nada/ e que a ignorância também é sábia./ Fala de doidos amores,/ das mulheres que comeu e cuspiu/ nos podres vasos da aurora,/ nos bares imundos em que deixou/ o âmago quente do seu estômago/ cansado da burra servidão do dia./ É nesta cadeira, vejam,/ É nesta cadeira vazia / que ouço Janis Joplin./ Não, não assuste não! / São somente máscaras com que disfarçamos o medo,/ o vazio o vácuo a velocidade / a voz que vem do nada por todos os lugares/ jorrando como sangue do coração/ fazendo esgares nos espelhos/ espalhados pelo caminho./ É nesta cadeira, vejam,/ é nesta cadeira vazia/ que ouço Janis Joplin!". •

Daniel Osiecki

Terra Incógnita

Passagem do Aqueronte: Severo Brudzinski entre o onírico e o real

É surpreendente a quantidade de contistas novos que têm publicado em Curitiba nos últimos anos. Tenho me ocupado nesta coluna em resenhar vários desses autores, como Renato Bittencourt Gomes, Renato Ostrowski, Homero Gomes, Rui Werneck de Capistrano, Severo Brudzinski e sem contar, claro, os mais que consagrados Jamil Snege e Dalton Trevisan.

Verdadeiro celeiro de grandes contistas, Curitiba é um espaço literário bastante prolífico àqueles que buscam seguir os passos do grande mestre Trevisan. Mas como já afirmei em texto anterior, há vida inteligente em Curitiba depois de Dalton, Leminski e Tezza. Mais um desses novos autores de nossas paragens que descubro é Severo Brudzinski.

Brudzinski nasceu em Curitiba, em 1973. É graduado em Direção Teatral pela FAP. Publicou os livros Os amores e mortes de Gustavo Carbel (2005), Líricas (2008) pela Stultifera Navis e Passagem do Aqueronte (2012) pela Kafka. Coletânea de contos bastante singular, Passagem do Aqueronte transita entre o onírico, o imaginado e o delírio, formando um corpus narrativo coeso e muito bem estruturado.

O pequeno volume é composto por onze contos e todos os textos são interligados por um único elemento, a autocitação. Em todos os contos, Severo é o protagonista de situações diversas, porém, todas envoltas em uma atmosfera labiríntica e nonsense. O primeiro, "Tabacaria", é uma clara alusão ao famoso poema de Fernando Pessoa.

Os pedestres dissimulam os olhos sob os óculos escuros, ocultam os rostos nas golas levantadas dos sobretudos e sob chapéus negros, escondem as cabeças. Um deles para diante da porta de aço do botequim e entra sem pedir licença.

"Você é o Esteves sem metafísica? Quer saber o homem que traz sobre o rosto uma máscara de malha branca com um buraco na boca". (p.8)

O Severo protagonista de "Tabacaria" está em um bar, e sua atmosfera soturna se contrapõe à atmosfera da rua que é clara, repleta de vida e de pessoas. Há aqui um embaralhamento de tempos físico e psicológico, onde o autor mistura passado, presente, realidade e sonho em um único plano. Talvez haja aqui a influência do álcool sobre o protagonista, que não tem controle daquilo que vê ou sente.

Outro conto que merece destaque é "Cama do Céu, Cama do Inferno", que descreve, no início, uma relação sexual com minúcias. Até aqui todos os contos começam, geralmente, simulando narrativas convencionais e depois assumem aspectos mais sombrios, oníricos e noir. As ações não são claras, nunca se sabe de fato o que está acontecendo.

No conto seguinte, "Nas fossas", há uma breve incursão no microconto, que relata um campo de batalha. Como é recorrente no livro, toda ação é sugerida. A ação transcorre em meio a uma névoa obscura de seres decadentes e melancólicos, fato que também é perceptível no conto que dá título ao livro, "Passagem do Aqueronte". Severo constrói nesse texto imagens surreais nas quais o absurdo assume proporções consideráveis. Tzvetan Todorov chama essa dualidade entre o fantástico e o real de fantástico-maravilhoso, quando elementos sobrenaturais são aceitos no universo da realidade e o irreal vive em harmonia com o real.

As ações vão se sucedendo de forma vertiginosa e consequentemente ficando mais obscuras. Há o predomínio total da sugestão sobre a ação. É sonho? Ilusão? Devaneio? Em alguns momentos a insistência em soar nonsense se torna um tanto exagerada e enfadonha, mas há mais acertos do que erros. Brudzinski, o autor do livro, não o personagem, deixa o melhor conto para o final, "A praça". Nesse texto, ele se utiliza de um artifício que faz com que o conto de fato seja o melhor do livro, a metalinguagem. Há a desconstrução da estrutura estanque da narrativa convencional. Ao se incluir em um texto, o personagem automaticamente transforma a narrativa em metaliteratura.

"Quanto tempo levou?

Não sei... Alguns dias. Talvez anos. Sei lá, uma vida inteira. Um momento. Quem sabe?

E por que ela nos observa o tempo todo?

Quem?

Essa pessoa que está lendo o livro com as mãos suadas.

Ela é nossa testemunha". (p.109)

A seguir Brudzinski tece algumas considerações bastante pertinentes sobre o fazer artístico como um todo.

"Mas por que sob os olhos dela? Tudo isto é muito estranho. Só aqui, sob o olhar de pessoas como essa é que temos existência. Só aqui nesta praça, neste jardim secreto. Cada vez que olhos curiosos percorrem as linhas dessas frases, nós viveremos". (p.110)

É uma ótima visão sobre o ato de escrever e sua finalidade – se há alguma. A literatura só existe, de fato, quando é lida, observada, ouvida. Severo Brudzinski encerra seu Passagem do Aqueronte com saldo positivo. Livro coeso e bem estruturado, o volume mantém sua qualidade em todos os contos. •

Bárbara Lia

da série “o céu dos poetas”

Alan Amorim
(grafite s/ papel)

Voy a dormir, nodrizamía, acuéstame.
Ponme una lámpara a la cabecera;
una constelación, la que te guste;
Alfonsina Storni

Piso águas
Veludo nos passos
Pé ante pé
Cubro sua casa de cristal
com minhas lágrimas
Escuto sua voz cobalto,
de paz enfim coberta:

– No despiertes lós pájaros que duermen.

do livro *Respirar*, 2014